

NARRANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA: A BIOGRAFIA HUMANA COMO INSTRUMENTO DE CONEXÃO COM AS PRÓPRIAS ORIGENS E A IDENTIDADE COLETIVA

Talita Acrênea Melone*

*Educadora com 23 anos de experiência em Pedagogia Waldorf; cursou a Formação de Professores no Instituto de Educação de Nova Friburgo; formada em Pedagogia Waldorf pelo Seminário Brasil – Núcleo Nova Friburgo; licenciada em Língua Portuguesa/Literatura pela UFF/RJ, Artes Visuais pela UNIMES, Pedagogia pela UNIFACVEST e pós-graduada em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade São Luís e em Relações Étnico-Raciais pela Pedagogia para a Liberdade/Polo UniIBF; cofundadora da Trupe Família Clou; docente na Escola Waldorf Municipal Cecília Meireles; co-fundadora e vice-presidente da Associação Pedagógica Cecília Meireles; co-gestora da Rede das Organizações Sociais na Pedagogia Waldorf.

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência educativa desenvolvida em 2024 numa escola pública de pedagogia Waldorf no interior fluminense, onde se narrou a trajetória de Maria Andrade Melone - mulher negra, migrante, semianalfabeta e acreana - para turmas do 9º ano. A iniciativa buscou: valorizar identidades indígenas e afro-brasileiras por meio de histórias pessoais; revitalizar a tradição oral como prática pedagógica; e fomentar a autonomia docente na elaboração de materiais didáticos contextualizados. Inspirada na noção de Conceição Evaristo (2020) sobre “histórias que o mundo desconsidera”, a proposta articula os fundamentos Waldorf com abordagens decoloniais, tensionando currículos eurocêntricos. Integrado ao projeto biográfico da escola, o trabalho empregou narrativas de vida para: fortalecer vínculos ancestrais na educação; investigar relações entre identidade e território; exercitar a escrivência como metodologia; e incorporar perspectivas amefricanas no currículo. A análise demonstra como narrativas marginalizadas podem ressignificar práticas educativas quando conjugadas com os princípios holísticos da pedagogia Waldorf, reposicionando educadores como autores de conteúdos culturalmente relevantes.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf; biografia; ancestralidade; identidade; território; oralidade; escrivência; amefricanidade.

ABSTRACT

This study documents an educational project developed in 2024 at a Waldorf public school in rural Rio de Janeiro and presented to its 9th graders. It featured the life story of Maria Andrade Melone - a Black, migrant, semiliterate woman from Acre. The initiative aimed to value Indigenous and Afro-Brazilian identities through personal narratives, revive oral storytelling as teaching practice, and promote teacher autonomy in creating contextualized didactic materials. Drawing on Conceição Evaristo's (2020) concept of “stories the world ignores”, the project connects Waldorf principles with decolonial approaches, challenging Eurocentric curricula. As part of the school's biographical studies program, it employed life narratives to strengthen ancestral connections in education, examine identity-territory relationships, practice escrivência (life-writing) as pedagogy, and incorporate 'Amefrican' perspectives. The analysis reveals how marginalized narratives can transform education when integrated with Waldorf's holistic framework, repositioning teachers as authors of culturally responsive content.

Keywords: Amefricanity; ancestry; biography; escrivência; identity; orality; territory; Waldorf Pedagogy.

Introdução

O objetivo deste relato é compartilhar a experiência vivida em uma escola municipal Waldorf, localizada no interior do Estado do Rio de Janeiro, na qual foi narrada a biografia de Maria Andrade Melone, uma mulher negra, acreana, migrante e semianalfabeta, para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

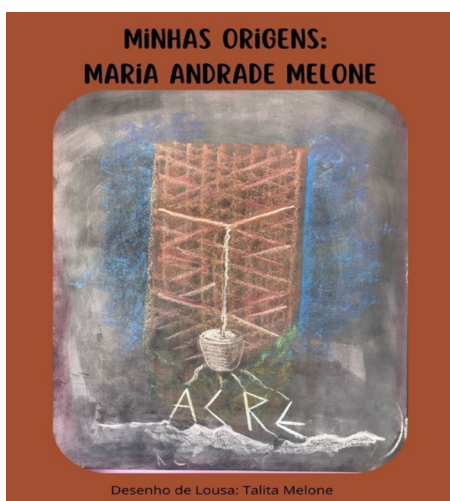
Nesse contexto, destaca-se a relevância de contar “histórias que o mundo desconsidera”, como provoca Conceição Evaristo (2020), uma vez que as biografias majoritariamente narradas ao longo dos anos escolares são de pessoas brancas, principalmente do gênero masculino e de ascendência europeia – quando não, europeus.

Essa vivência estava inserida na proposta pedagógica da escola, que prevê o estudo do gênero biográfico por meio de um projeto de pesquisa desenvolvido pelos estudantes ao longo do ano letivo. Nele, os alunos se aprofundam na história de vida de uma personalidade que deixou sua marca no mundo, um legado social.

1. Experiência

Durante os meses de fevereiro, março e abril de 2024, na Escola Waldorf Municipal Cecília Meireles, localizada no município de Nova Friburgo, interior do Estado do Rio de Janeiro, realizei, como professora regente, uma atividade pedagógica com uma turma, inserida no contexto do conteúdo programático do ano letivo. O objetivo era narrar aos alunos a biografia da minha avó paterna, Maria Andrade Melone (1934-2023), uma mulher negra e indígena, acreana, semianalfabeta, migrante, empregada doméstica, costureira, lavadeira, poeta e muito mais. Por meio dessa narrativa, dividida em “episódios”, abordei conceitos como ancestralidade, identidade, território, questões sociais, raciais e de gênero, pelos quais minha avó passou, destacando, principalmente, sua capacidade de resiliência e criatividade para lidar com os desafios herdados e transmitidos aos seus descendentes.

Fig. 1 – Desenho de Lousa “Acre”



Fonte: Autoria própria, 2024.

Diariamente, ao final de cada aula, reservava um momento para contar a história. Nesses instantes, os alunos silenciavam, uma vela era acesa na “Mesa de Época” (um recurso pedagógico próprio da Pedagogia Waldorf) e eu narrava, de forma oral, o episódio escrito por mim, com base nos relatos e vivências que tive com minha avó ao longo dos anos.

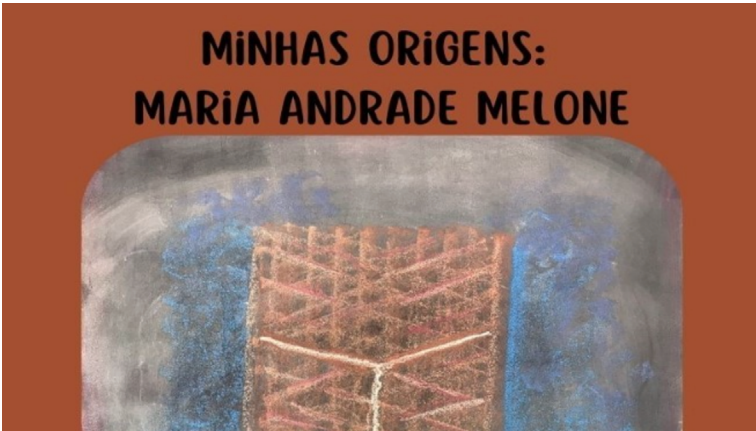
Nesse sentido, a escrevivência ocorreu em uma espécie de coautoria, na qual a voz da minha avó passou pela minha escrita e se transformou novamente em oralidade, colocando-nos no lugar que Evaristo aponta como:

[...] ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita: ‘O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?’ (Evaristo, 2020, p. 35).

Minha avó não chegou a grafar sua própria história, mas era nítido seu encantamento com a escrita, especialmente em pequenos relatos sobre sentimentos e na redação de cartas. Lembro-me dela escrevendo “em voz alta” cartas que nunca foram enviadas aos familiares que se mantiveram em sua terra natal. Como parte da narrativa, introduzi uma breve contextualização do local onde Ma-

ria vivia, no estado do Acre, em um seringal no coração da Floresta Amazônica, durante o Ciclo da Borracha – um período histórico que marcou profundamente essa região do país.

Fig. 2 - Cenário Móvel



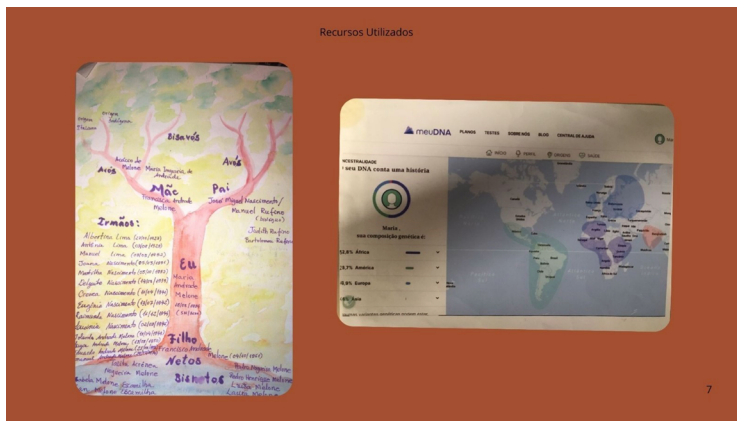
Fonte: Autoria própria, 2024.

Narrei fatos que envolviam temas comuns a todos, relacionados às fases do crescimento, como brincadeiras, relações com os pais e irmãos e, na fase adulta, os desafios enfrentados, principalmente após migrar para o sul do país para trabalhar como babá, sempre acentuando os fatores relacionados ao território e às questões sociais. Foram relatados alguns episódios, como o caso de racismo vivido por Maria em uma casa de família, onde trabalhava em troca de moradia e comida, situação que se repetiu diversas vezes, evidenciando um claro caso de exploração, herança de nossa estrutura escravocrata, em que ela foi acusada injustamente de roubo pelo patrão, como retaliação por não ceder às suas investidas sexuais. O desfecho foi a “demissão” imediata, deixando uma mulher e seu filho literalmente na rua. Ou ainda quando, na hora de Maria tomar banho, o relógio era desligado para que não “gastasse luz”.

Nesses momentos, eu narrava os eventos, e alguns alunos imediatamente reagiam com expressões de desagrado ou falas curtas. Porém, eu encerrava a narrativa, geralmente, em um momento dramático, apelando para o sentimento dos alunos, um recurso característico da Pedagogia Waldorf, e, no dia seguinte, perguntava: “Na situação de Maria, o que vocês fariam?” ou “Qual momento da

história mais impactou vocês?”. Dessa forma, os alunos foram gradualmente levados a se colocarem no lugar do outro de maneira empática.

Fig. 3 - Árvore Genealógica “Família Melone” e Exame de DNA



Fonte: Autoria própria, 2024.

Percebi, também, maior aproximação e identificação com a história de vida de alguém que viveu muito perto de outra pessoa que eles conhecem (no caso, eu) e a construção “ao vivo”, a partir do relato oral, dessa memória ancestral e afetiva. Afinal, ao contar a história da minha avó, também estava narrando a minha própria história, minha origem, como bem afirma Beatriz Nascimento (2021), “é preciso que contemos nossa própria história”. Essa afirmação ressoa profundamente ao refletir sobre a importância de narrativas que valorizem as origens, as identidades e as trajetórias individuais e coletivas, especialmente daqueles que foram historicamente silenciados. Ao contar a história da minha avó, Maria Andrade Melone, não apenas honrei sua memória, mas também reafirmei a necessidade de dar voz às experiências de mulheres negras, indígenas e migrantes, cujas vidas são marcadas por resistência, resiliência e criatividade.

Essa vivência buscou fundamentar o trabalho de pesquisa biográfica que os alunos desenvolveram ao longo do ano, cujo objetivo era a construção de um “livro” e uma apresentação oral sobre a vida de uma personalidade já falecida (com o ciclo de vida concluído) e com um legado reconhecido, escolhido por eles. Antes da definição dos nomes, perguntei aos alunos se lembravam dos biografados escolhidos pelos ex-alunos no ano anterior e provoquei: “Quantos eram

mulheres? Quantos eram negros ou negras? Indígenas? (mesmo sabendo que, aqui, a resposta seria inevitavelmente negativa). E brasileiros ou brasileiras?”. A partir desse questionamento, ofereci aos alunos uma lista de nomes de personalidades que atendiam a esses critérios. Muitos deles já traziam suas preferências, principalmente influenciados por ídolos e referências familiares. No processo de escolha, pude observar que, dos dezenove biografados, seis eram personalidades negras, escolhidas, em sua maioria, por alunos pretos e pardos.

Fig.4 - Personalidades negras escolhidas pelo 9º ano/2024 para atividade “pesquisa biográfica”



Fonte: Autoria própria, 2024.

Pude acompanhar de perto os nove meses que se seguiram até a finalização do livro sobre cada biografado e a apresentação oral da pesquisa. Nessa culminância, ficaram visíveis os frutos de um processo aprofundado, no qual a meta para o ano escolar em questão, segundo a Proposta Educacional Waldorf (2019), que é “conhecer ideias e ideais que podem conduzir a resultados concretos; ideais que possuem caráter volitivo, como esteio anímico. Estudar biografias que podem servir de exemplo para o aluno”, havia sido plenamente atingida.

Após a apresentação da biografia, cada aluno foi indagado a respeito de sua escolha e do que havia aprendido com o legado daquela personalidade. “D.”, 15 anos, respondeu:

No começo do ano, quando estávamos conhecendo personalidades do ano passado, quantas tinham, quantas eram brasi-

leiras, quantas eram mulheres e quais eram negras? Isso me fez refletir sobre o tipo de referência que temos e porque isso acontece. Pensando nisso, resolvi escolher Martin Luther King para fazer a biografia e, com isso, pude entender mais sobre mim mesmo como uma pessoa parda, já que sempre me via como uma pessoa branca [...]. (D., 2024).

Esse mesmo aluno também relatou que, ao se compreender como uma pessoa negra, pôde olhar com outros olhos para sua família. Esse depoimento, em conjunto com todo o processo vivenciado em sala de aula, me fez refletir sobre o quanto o apagamento de culturas se dá no macro e, principalmente, no micro, pois a prática ao redor da “árvore do esquecimento”, ritual simbólico para apagar as memórias dos escravizados (Gomes, 2019), ainda persiste e do quanto o projeto de embranquecimento gerou frutos e bastardos de origem ao longo dos séculos, segundo Munanga: “[...] o processo de formação da identidade nacional no Brasil recorreu aos métodos eugenistas, visando o embranquecimento da sociedade.” (2008, p.15).

Fig. 5 - Apresentação das biografias

Nesse sentido, o provérbio iorubá “Gbóngbò nikan ló mò bí igi nàà ʒe lè



Fonte: Autoria própria, 2024

tó”, que significa, em tradução livre para o português, “Somente a raiz sabe o tamanho que a árvore pode alcançar”, torna-se um ato de resistência e transmutação das histórias individuais e coletivas. Ainda foi proposto aos alunos que

escolheram personalidades negras que, por ocasião do Dia da Consciência Negra, no dia 20 de novembro, data que marca a valorização da cultura negra e a luta pela igualdade racial, compartilhassem suas pesquisas com a comunidade escolar. Este foi, novamente, um momento de aprofundamento dos conhecimentos e exercício do protagonismo desses jovens.

Fig. 6 - Apresentação de biografias de personalidades negras e roda de conversa



Fonte: Autoria própria, 2024

Todo esse percurso foi marcado por muitas construções de novas memórias e imaginações a respeito do que se foi, é e poderá ser. Um desdobramento que marcou coletivamente a classe, por ocasião da viagem de conclusão do Ensino Fundamental, foi conhecer parte da trajetória de personalidades negras reconhecidas e desconhecidas (ou apagadas) da história do Rio de Janeiro e do Brasil, por meio da visita ao circuito turístico da “Pequena África”, na capital fluminense. Nesse circuito, a visão dos alunos e professores foi ampliada a partir dos múltiplos sentidos, ressignificando ainda mais a experiência de resgate das raízes africanas, mas, sobretudo, lançando sementes potentes para o futuro, como nos diz o provérbio da África Ocidental: “O presente precisa subir nas costas do passado para ver o futuro”.

2. Análises e reflexões

Fig. 7 - Visita da turma do 9º ano ao Museu do Amanhã



Fonte: Autoria própria, 2024

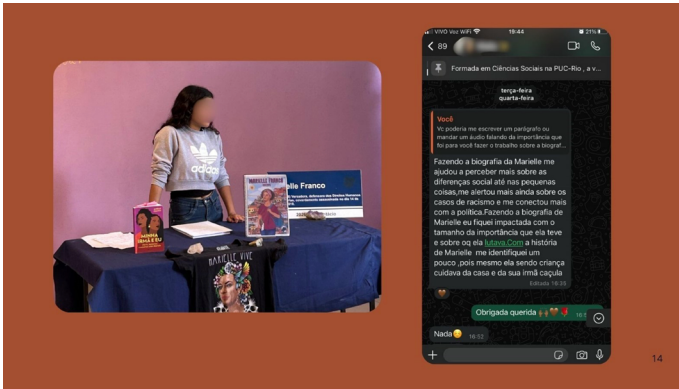
Ao longo dos nove meses de trabalho pedagógico e pesquisa acadêmica, realizados quase que simultaneamente, pude observar a ampliação dos conceitos, mais que abordados, vivenciados. Como a confluência de rios que se reencontram, pois têm a mesma origem, e deságuam reunidos no oceano. Assumir o lugar de professor e autor de seu próprio roteiro didático é um lugar que desafia e emancipa, como nos ensina Steiner (2019):

O professor precisa de uma concepção abrangente da vida; o professor precisa estar total e vivamente incorporado nela. O professor não precisa só de um conhecimento que lhe seja transmitido da pedagogia e da didática usual, não precisa apenas especializar-se nesta ou naquela matéria; precisa, sobretudo, daquilo que constantemente se renova nele próprio (Steiner, 2019, p. 119).

Assim, buscar sentidos para vivificar o ensino é ir ao encontro de si mesmo de forma consciente. Cada passo da etapa foi acompanhado de muitas reflexões a respeito das intenções e conexões trazidas por meio dos conteúdos, principalmente para que o caminho individual de cada aluno e aluna fosse respeitado. As reflexões às quais chegaram foram por meio do caminho apontado, porém, nunca direcionadas para que respondessem a este ou àquele objetivo, como nos

aponta Paulo Freire: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (Freire, 1996, p. 66).

Fig. 8 - Apresentação biográfica de Marielle Franco e depoimento da aluna M.E. Pinto



Fonte: Autoria própria, 2024 Fonte: Autoria própria, 2024

Por isso, quando quase a metade das pesquisas biográficas tinham como denominador comum a negritude de maneira mais ou menos consciente por parte dos alunos, entendi que o impulso dado agora teria o seu próprio destino. Em especial para os alunos pretos e pardos, houve o cuidado de minha parte para que não fossem induzidos à escolha, pois há uma linha tênue nessa faixa etária que deve seguir pelo afeto e confiança, já que ainda estão fortemente permeados pela vida dos sentimentos e iniciando a conquista da autonomia do pensar, como diz Steiner ao descrever a conduta pedagógica de acordo com esta fase do desenvolvimento: “Nessa época, nasce na alma o impulso para transformar em julgamento tudo o que lhe advém” (Steiner, 2015, p. 10).

De certo modo, ao entrar com a biografia de pessoas que viveram e deixaram um legado, superando desafios individuais e coletivos, tem-se um elixir para que as forças de transformação e mudança inerentes à fase que vem a seguir possam desabrochar: “De modo geral, a verdade é esta: quando a criança entra na idade da puberdade, é preciso despertar nela um interesse, até certo ponto extraordinário, pelo mundo exterior. São enigmas que devem nascer na alma dos jovens” (Steiner, 2015, p. 12).

Logo, estes jovens, chegarem, a partir da própria percepção de mundo(s), às próprias conclusões acerca da realidade que os cerca, como relatou D., 15 anos, ao se deparar com a descoberta de ser negro, como nos apresenta Neusa Santos na obra *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*: “mas, é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (Santos, 1983, p. 18).

Considerações finais

**Fig. 9 – “A Seringueira Ancestral” (técnica em stencil)
e Retrato de minha avó, Maria Andrade Melone**



Fonte: Autoria própria, 2024

“O saber tem muitos sentidos, o saber não se vê nem se sente, é complexo. Ele pode estar no sopro dos nossos antepassados, no milheto, na areia. Ele passa do espírito para o homem, do homem para o espírito.” (Trecho do filme *Keita! O Legado Griot*, de Dani Kouyatè, 1995.) Meu caminho individual passou por uma transformação ao longo desses meses de formação. Como pessoa, mulher, mãe e professora, trilhei questionamentos a respeito da minha autodeclaração étnico-racial, uma vez que, como filha de um casal interracial, mãe branca e pai negro, tive a infância marcada pela alcunha de “morena”, “cabocla” e até “mulata”, dependendo do marcador racial e social do contexto, como Munanga nos diz: “Para manter a discriminação, é preciso fazer um apelo à ‘identidade’ escrita” (2020, p. 46). Assim, mesmo com a passagem como branca em contextos majoritariamente negros, minha origem mestiça foi constantemente lembrada pelo corpo social

do qual eu fazia parte. Porém, o que poderia ser um bloqueio, uma interrupção ou mesmo negação da busca pela minha identidade, tornou-se paulatinamente um impulso que direcionou escolhas e caminhos pessoais e profissionais.

Um deles foi a procura pelo lugar do afeto, da arte e da transformação social. Educar reunindo esses três caminhos permitiu-me encontros com pessoas, livros, lugares e, novamente, pessoas. A Pedagogia Waldorf foi o meio para que a cultura — no sentido de cultivar — dessa tríade pudesse florescer. Acompanhar crianças e jovens ao longo de suas jornadas, por longos ou curtos períodos, permitiu-me reconstruir a minha trajetória. E foi assim que cheguei aqui.

Ao “partir, voltar e repartir”, como nos convida o rapper Emicida, a biografia de minha avó e, por consequência, a minha autobiografia, tracei um pacto profundo com os alunos que me ouviram diariamente e coescreveram essa(s) história(s) também. Lidar com fragmentos de ancestralidade em mim foi um ponto de retorno.

O senso de legado e pertencimento foi alargado e, para além da dor, me reconheço não só como uma mulher parda, mãe e educadora, mas como a neta da Dona Maria. E as raízes dessa árvore, de onde minha ancestralidade se irradia, vão para além de onde os olhos podem ver.

Referências

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, F. **Árvore do esquecimento**: ritual e memória da escravidão. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOUYATÉ, Dani. **Keita! O legado Griot**. Direção Dani Kouyaté. França: La Sept, Les Productions de la Lanterne, 1995. 94 min. DVD.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF DO BRASIL. **Proposta educacional Waldorf**. São Paulo: FEWB, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STEINER, R. **A prática pedagógica segundo o conhecimento científico-espiritual do homem**. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.

STEINER, R. **Educação na puberdade**. Tradução Rudolf Lanz, Jacira Cardoso. 4. ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2015.